

## O Comerciante, o Filho e os Três Mestres

*Há histórias que se contam para ensinar números e datas.*

*Outras, para ensinar a medir terras e mercadorias.*

*Mas há histórias mais raras, escritas não no papel,  
e sim na memória dos que aprenderam a ver além das aparências.*

*Esta é uma dessas histórias.*

*Fala de um filho que, aos olhos do mundo, não se encaixava,  
mas que, aos olhos da vida, cabia inteiro.*

*Pois há dons que não se contam em moedas,  
nem se pesam em balanças — e são justamente os que sustentam o mundo.*

Havia, nos confins de um antigo reino da Europa, um comerciante de cabelos prateados e olhos cheios de cálculos. Sua fortuna crescia, mas também a sua idade, e com ela, uma preocupação: o único filho que lhe restara não se parecia com os outros rapazes.

O menino nascera em meio a dores e perda — pois no mesmo dia, sua mãe partira para as terras onde não se volta. Seus olhos amendoados brilhavam como pequenos lagos ao sol da manhã, e suas mãos, arredondadas e macias, eram um convite ao afeto. Na infância, todos achavam-no encantador; mas, à medida que os anos passavam, o pai percebia que o filho falava com dificuldade, precisava de óculos espessos e aprendia num compasso mais lento.

Temendo pelo futuro de seus negócios, o velho decidiu enviá-lo a um mestre famoso, que habitava em outra cidade. O primeiro mestre, ao recebê-lo, percebeu-lhe a condição e, sem encontrar livros ou métodos para ensiná-lo, inventou caminhos próprios: lia histórias, desenhava letras no pó, ensinava contas usando pedras do rio. E, no convívio, descobriu que o jovem possuía um tesouro que não cabia em livros — a lealdade, a honestidade e a pureza de coração.

Ao regressar, o pai testou-o com as contas do comércio. Como o filho não soube respondê-las, declarou:

— Perdemos um ano. Irás para outro mestre.

O segundo mestre também percebeu-lhe a diferença, mas encontrou no rapaz um solo já arado. Sem pressa, plantou novos saberes e colheu amizade. Ainda assim, ao voltar, o resultado com o pai foi o mesmo: reprovação e ira.

— Mais uma chance, e se falhares, deixarás de ser meu filho — disse o comerciante.

O terceiro mestre era homem de longa experiência e já havia guiado alunos como ele. Reconheceu-lhe de pronto a bagagem dos ensinamentos anteriores e dedicou-se a fortalecer-lhe a confiança. Ao fim de um ano, o despediu com orgulho.

Mas o retorno foi amargo. O pai, furioso pela terceira vez, ordenou que um servo o deixasse na floresta. O rapaz, no entanto, aprendera a orientar-se pelos caminhos, e voltou. Encontrou a casa nas mãos de um administrador contratado pelo pai, que havia partido em viagem. O homem desprezava o jovem, mas o rapaz possuía aliados — amigos discretos entre os empregados. Quando o administrador tentou roubar, foram esses amigos que o avisaram.

— Ficaremos juntos até meu pai voltar — disse o rapaz.

— Ao teu lado estaremos — responderam.

E assim foi. Quando o comerciante regressou e soube que o filho salvara os negócios e os empregos, as lágrimas caíram como chuva tardia sobre terra seca. Surpreendeu-se ao ver que os funcionários o respeitavam e obedeciam com alegria, pois o rapaz os tratava com atenção, alegria. Mantendo sempre uma conduta confiável e humana.

Foi então que compreendeu: ainda que o filho não manejasse bem as contas, possuía o maior dos dons — a arte de cuidar de pessoas, de fazer florescer a boa vontade.

— Filho, a partir de hoje, o comércio é teu. Escolhe quem quiseres para cuidar das contas — disse o pai, rendido.

E o rapaz escolheu um contador amigo, digno de sua confiança. Assim, guiando com bondade e firmeza, conduziu a casa mercantil enquanto o pai repousava em paz, certo de que o verdadeiro valor de um homem não se mede por um único saber, mas pelo que ele é capaz de inspirar nos outros.

**Moral:** Quem só enxerga números pode perder a conta dos verdadeiros tesouros.